

“As manias de prô”: Laços transferenciais entre professor e aluno em tempos de pandemia COVID 19

Janaína dos Reis Rosado

Doutora em Educação e Contemporaneidade
Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: janarosado@gmail.com

Marcos Paulo Lopes Pessoa

Doutor em Educação e Contemporaneidade
Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: profmarcospessoa@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é tecer uma reflexão acerca dos laços transferenciais entre professores e alunos na relação pedagógica em momento de quarentena causada pela pandemia COVID-19. Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica no campo da psicanálise e educação em que foram consultados autores como Freud, Lajonquière, Kupfer, Tardif, Nóvoa, Santos entre outros. Utilizamos-nos de alguns construtos freudianos como, inconsciente, transferência e desejo de saber. Defendemos a ideia de que o processo educativo está fundado no laço que envolve professor e aluno. Ao final deste trabalho, pudemos significar que esses enlaces ocorrem fundamentalmente no campo da linguagem e são a base que sustenta o ato educativo mesmo este não acontecendo em sala de aula. Nesse sentido, julgamos que o tema aqui proposto carrega em si grande importância para os estudos em educação.

Palavras-chave: Educação e Psicanálise. Pandemia COVID-19. Laços Transferenciais. Relação Professor-aluno.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto debruça-se sobre a reflexão acerca dos laços transferenciais entre professores e alunos na relação pedagógica em momento de isolamento físico-social imposto pela emergência sanitária provocada pela pandemia do Novo Coronavírus COVID-19¹. Ele é resultado de uma pesquisa de caráter teórico que se localiza na interface entre os campos de estudo em educação e em psicanálise. O artigo toma como cenário o contexto no qual as escolas brasileiras se encontram fechadas e que a relação pedagógica ocorre por meio do ensino remoto.

As escolas passaram a adotar diferentes estratégias para continuar os trabalhos escolares com os alunos. Algumas utilizando-se das tecnologias digitais como forma de mediação entre professor e aluno, outras adotando o estudo dirigido, em que o aluno faz atividades impressas destinadas ao processo de ensino-aprendizagem que são disponibilizadas presencialmente nas escolas. No caso das crianças menores, a

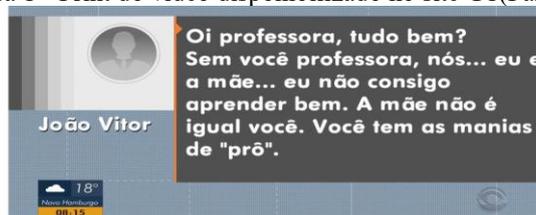
¹ “COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo Novo Coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China.”

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875 Acesso em 15 jun 20

mediação presencial de um adulto da família se faz necessária. Concordamos, desse modo, com Santos (2020) quando ele assinala que “a pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum.” (SANTOS, p. 29, 2020).

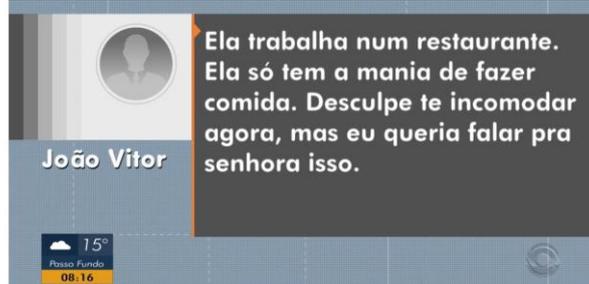
Para discutirmos o tema foco deste trabalho, apresentamos o caso de um aluno do Ensino Fundamental I do município de Lagoa Vermelha no Rio Grande do Sul² que está com as aulas presenciais suspensas desde março deste ano. João Vitor, de seis anos, que é estudante da rede estadual e está no processo de alfabetização, tem acesso às atividades escolares pelo *whatsApp* e por meio de atividades impressas disponibilizadas presencialmente nas escolas da rede. A mensagem enviada por João à sua professora, por meio do *whatsApp*, neste momento de isolamento físico-social, viralizou na internet:

Figura 1 - Print do vídeo disponibilizado no site G1(Parte 1)



Fonte: <https://g1.globo.com>

Figura 2 - Print do vídeo disponibilizado no site G1(Parte 2)



Fonte: <https://g1.globo.com>

Compreendemos que o processo educativo está fundado no laço transferencial que envolve professor e aluno. Esse laço se forma a partir de uma demanda de saber do estudante que se ancora na palavra do professor à ele endereçada. Deste modo, podemos dizer que são os afetos que circulam na relação que sustentam o ato pedagógico. O caso do jovem João Vitor nos apresenta os elementos que compõem a transferência entre professor e aluno.

² Disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/05/20/com-aulas-suspensas-menino-de-lagoa-vermelha-manda-audio-a-professora-sem-voce-eu-nao-consigo-aprender.ghtml> Acesso em 10 jun 25.

2 METODO

Este artigo apresenta uma pesquisa em psicanálise (MEZAN, 2006) e sua interface com o campo dos estudos em educação. O termo “em psicanálise”, empregado logo após o substantivo “pesquisa”, carrega, em si, a função adjunta de indicar o campo de investigação em que se concentra o trabalho, não a qualidade do trabalho. Por isso não dizemos tratar de uma pesquisa psicanalítica”.

Ainda no que se refere aos tipos de pesquisa acadêmica desenvolvidas na área da psicanálise, Garcia-Roza (1994) criou uma classificação que consideramos interessante para contextualizar nosso estudo. Segundo esse autor, tais pesquisas se categorizam em: pesquisa psicanalítica de material baseado e restrito à clínica; do tipo teórico; a perspectiva histórica e crítica; a perspectiva estética e semiótica; a teoria dos campos em psicanálise e, por fim, a perspectiva epistemológica.

Por definição, a pesquisa em psicanálise de natureza teórica é aquela constituída pela exploração dos textos dos autores do campo psicanalítico sem qualquer atividade de caráter empírico.

Assim desenvolvemos uma pesquisa em psicanálise de cunho teórico que se orienta basicamente pelas letras freudianas e lacanianas, além de outros autores que levou as ideias desses dois pensadores para o campo dos estudos em educação como Lajonquière, Soares, Kupfer, Ornellas, no que toca especificamente ao papel do laços de transferência entre professor e aluno no ato educativo.

Nesses autores, pudemos encontrar uma gama de referências acerca dos laços transferenciais entre professor e aluno no ato educativo. Vimos ainda que tais laços transferenciais são efeitos discursivos inconscientes. De acordo com a teoria psicanalítica, a linguagem é o terreno onde acontecem tais enlances. Desse modo, para entendermos as vicissitudes próprias da relação transferencial que ocorre na relação entre professor e aluno, faz-se necessário, antes de mais nada, compreendermos que se passa sempre pelo campo da palavra. A partir da análise das letras dos autores, que que dão suporte teórico à este trabalho, fizemos uma reflexão acerca da transferência entre professor e aluno em tempos de pandemia. Para isso, utilizamos a fala de João Vitor no áudio viralizado nas redes sociais na internet no Brasil é também noticiado no jornal local do seu estado.

3 DO PAPEL DOCENTE NO ATO PEDAGÓGICO

“Você tem as manias de prô” (João Vitor, 2020).

Ao abordarmos, neste artigo, as questões ligadas à transferência entre professor e aluno, reportamo-nos à dimensão subjetiva do ato pedagógico. Quando falamos de subjetivo, não queremos dizer nada além das formações de conteúdos que, como afirma Freud (2010), são produzidas de modo inconsciente. Esses conteúdos afetivos circulam na relação entre professor e aluno na cena pedagógica.

O termo “ato” na expressão “ato pedagógico” se propõe a “[...] assinalar o caráter dramático desse



tipo de práxis que, na escola, concretiza seu enredo, [...]” (SOARES, 2015, p. 97). No palco educativo atuam professor e aluno, cada um desempenhando seu papel no campo do discurso.

Ao dizer à professora “Você tem as manias de pô.”, o menino João Vitor reconhece as competências, as habilidades e os saberes que esta profissional possui para exercer a docência e nos faz refletir que não se trata de algo inato, ou seja, não é vocação, muito menos missão ou sacerdócio. A elaboração do papel docente se dá na labuta e nos conflitos diários atravessados pela ação política do docente constituindo-se em “um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão” (NÓVOA, 2000, p. 16). O processo permanente de formação docente promove a ideação e configuração do papel docente e este processo deve favorecer o desenvolvimento pessoal e profissional sendo o sujeito e a sociedade responsáveis por esta formação (NÓVOA, 2000). Nóvoa (2013, p. 230) afirma que “não nascemos professores. Tornamo-nos professores através de um processo de formação e de aprendizagem na profissão”.

Tardif (2002) aborda o papel docente na perspectiva dos saberes e da profissionalização como busca do conhecimento da prática. O que singulariza às profissões são os conhecimentos especializados conquistados na formação continuada. “Aprender a ensinar é um processo que se estende por toda a carreira docente (...). Precisamos, nos dias de hoje, de professores que saibam que o dever deles é o aperfeiçoamento contínuo” (TARDIF, 2017, p. 63). Destarte, a *episteme* do ofício docente é reformulada e ressignificada pelo processo de profissionalização que também perpassa pelo auto-reconhecimento da docência.

A atividade docente reúne diversos saberes: saberes da formação profissional - transmitidos pelas instituições formadoras de professores; saberes disciplinares - diferentes áreas do conhecimento; saberes curriculares – o currículo institucional como disparador de saberes sociais eleitos para a formação erudita dos futuros professores; saberes experienciais – surgem do cotidiano do profissional e que se transformam no *habitus* docente. Desta maneira, a pluralidade de saberes é valorizada por Tardif (2002) como marca humana.

Tardif e Lessard (2005) publicaram o livro *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*, no qual a docência é concebida como uma maneira singular de labor que têm como finalidade o ser humano. Nota-se uma confluência deste livro com a obra *Saberes docentes e formação profissional* (TARDIF, 2002) no que diz respeito aos saberes e práticas do trabalho docente. O primeiro, todavia, irá se debruçar sobre as conexões humanas possibilitadas pela atividade docente e seus desdobramentos. Os pesquisadores enfatizam que “(...) as condições, as tensões e os dilemas que fazem parte desse trabalho feito sobre e com outrem, bem como a vivência das pessoas que o realizam diariamente” (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 8) são condições inerentes ao trabalho docente, que tem como princípio a interação entre os atores sociais na educação. Os autores concebem a atividade docente não apenas por uma perspectiva técnica e/ou teórica, que são importantes para o desempenho da função, mas igualmente importante observar o viés afetivo e interativo que enlaçam as pessoas (TARDIF e



LESSARD, 2005), visto que o “(...) conhecimento teórico é sempre um conhecimento geral e abstrato. Mas a ação docente é concreta e situada” (TARDIF, 2017).

No caso do aluno de Lagoa Vermelha fica claro que, para ele, a professora é portadora dos saberes necessários para sua atuação profissional e nessa crença o jovem João Vitor ancora seu desejo de saber. Em outras palavras, ele aposta suas fichas que, sua professora carrega a chave do seu aprendizado. Veremos na próxima seção que essa suposição provoca o laço necessário ao ato pedagógico.

4 DO LAÇO TRANSFERENCIAL ENTRE PROFESSOR E ALUNO

“Sem você, professora, eu não consigo aprender bem.[...] Desculpe te incomodar agora, só que eu queria falar pra senhora isso.” (João Vitor, 6 anos)

A linguagem, seja nas modalidades oral, escrita ou digital, é condição fundante do curso civilizatório e a educação funciona como uma espécie de contrato, em que as crianças aprendem com os adultos a integrar-se a esse processo. Trata-se de uma visão estruturalista do processo educativo. Dentro dessa perspectiva, a educação é compreendida como uma maneira de ser dentro de uma estrutura que se comporta como uma linguagem.

Comumente a língua é entendida como um sistema artificial secundário de signos que usamos para transferir informação pré-existente, etc. O que, no entanto, essa definição ignora é o nível subjacente do engajamento subjetivo da posição de enunciação. Tanto o professor como o aluno são, em si, lugares de enunciação e cumprem funções na sintaxe chamada educação. Em outro dito, são papéis desempenhados na estrutura do processo de educar.

O funcionamento da dinâmica do ato educativo ocorre quando cada uma das duas partes atua do lugar que ocupa. Essa atuação ocorre sobretudo no campo da linguagem. Nesse sentido, não temos dúvidas de que a palavra do professor assume uma importância fundante no ato educativo, visto que ela captura o desejo de saber do aluno.

O laço transferencial entre professor e aluno refere-se não somente ao professor e ao aluno, mas sempre se constitui em uma atualização dos afetos que cada um carrega consigo. O professor encontra na figura de seu aprendiz o *ethos* de seu fazer docente, ou seja, é na relação com o aluno que o professor se liga à tradição numa linha sucessória de seus próprios mestres.

Da parte do aluno, este supõe na palavra do professor um saber sobre seu próprio desejo. É o amor a esse saber que encontra tal palavra e, com ela, forma um vínculo afetivo. Uma vez que isso acontece, está formado o laço transferencial entre professor e aluno. Por meio da linguagem, o professor ensina ao professor os saberes compartilhados pelas ciências e pela cultura e com isso contribui significativamente no processo de humanização do aluno.

Lajonqueière (2013, p.459) fala de uma dívida simbólica do professor:



[...] quando os pais ensinam seu filho quem ele é, até certo ponto, para os outros (a começar por eles mesmos), colocando-lhe um nome que vetoriza certos *ideais*, como também quando uma professora ensina a Pedrinho os números, instala-se uma *dívida*. Tanto um quanto o outro passam a dever algo pela sua existência. Como sabemos, uma coisa é dever uma quantia x em dinheiro para um amigo e outra, muito diferente, é o preço da amizade. Com os nomes e os números ocorre algo parecido: todo respeito será pouco para saldar a dívida pela existência ou, em outras palavras, o sentido que a vida pode ter acabado de ganhar. No valor incalculável da mesma está embutida uma infundável pergunta: *o Outro, o que quer de mim?* O nome próprio e os números aprendidos tiram um bocado da estupidez da vida empírica mas é o ato de nomeação e o de ensinar em si quem instalam ou marcam a fogo essa pergunta nas nossas vidas (grifos do autor).

Não temos dúvidas de que se trata de uma dívida simbólica, visto que o que foi entregue pela tradição ao professor será professado para seus alunos. O professor reconhece a dívida e tenta saldá-la pouco a pouco, a cada aula, com cada um de seus discípulos. Para Lajonquière, todavia, essa dívida jamais poderá ser completamente liquidada.

O autor ainda chama a atenção para o que ele considera o cerne do ato educativo: “a implicação da palavra” (idem, p.457). Em seu texto, Lajonquière lança mão de alguns exemplos que ilustram seus argumentos. Um dos exemplos que ele utiliza refere-se à carta de Camus a seu professor da educação primária quando da ocasião do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura. Com essa carta, o criador da filosofia do absurdo revela não somente sua gratidão ao seu mestre, como também aspectos da personalidade do professor que deixaram marcas no garoto. O que chama a atenção de Lajonquière na leitura da carta foi que o filósofo franco-argelino é o fato dele ressaltar os afetos que circundavam aquela relação. Ele tratou do empenho e da generosidade do professor ao lhe endereçar a palavra, o que não era nada comum naquela época. Como podemos ver neste fragmento da carta:

Mais quand j'ai appris la nouvelle, ma première pensée, après ma mère, a été pour vous. Sans vous, sans cette main affectueuse que vous avez tendue au petit enfant pauvre que j'étais, sans votre enseignement, et votre exemple, rien de tout cela ne serait arrivé. Je ne me fais pas un monde de cette sorte d'honneur mais celui-là est du moins une occasion pour vous dire ce que vous avez été, et êtes toujours pour moi, et pour vous assurer que vos efforts, votre travail et le cœur généreux que vous y mettiez sont toujours vivants chez un de vos petits écoliers qui, malgré l'âge, n'a pas cessé d'être votre reconnaissant élève. Je vous embrasse, de toutes mes forces.³

O outro exemplo utilizado por Lajonquière refere-se ao texto escrito por Freud em comemoração ao quinquagésimo aniversário da escola onde estudou durante o ensino fundamental. Nesse texto de 1914, o pai da psicanálise evidencia, assim como Camus, a personalidade de seus mestres e não sabe dizer o que mais se tornou mais importante para ele: se os conteúdos que lhe foram apresentados por seus professores

³ [...] meu primeiro pensamento, depois da minha mãe, foi para você. Sem você, sem aquela mão carinhosa que você estendeu para a pobre criança que eu era, sem o seu ensino e seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço um mundo desse tipo de honra. Mas esta é pelo menos uma oportunidade de dizer o que você tem sido, e ainda é para mim, e garantir que seus esforços, seu trabalho e o coração generoso que você coloca lá ainda estejam vivos em um de seus pequeninos escolares que, apesar da idade, não deixou de ser seu aluno agradecido. Eu te abraço com todas as minhas forças (tradução nossa). Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2015/02/25/savoir-lire-ecrire-compter-et-aimer_4583021_3232.html Acesso em: 10 ago. 2018.



ou suas personalidades.

Minha emoção ao encontrar o antigo professor do colégio me induz a fazer uma primeira confissão. Não sei o que mais nos absorveu e se tornou mais importante para nós: as ciências que nos eram apresentadas ou as personalidades de nossos professores (FREUD, 2012, p. 419-420).

E coloca o quanto essa relação foi de fundamental importância para que os alunos fossem educados: “[...] para muitos de nós o caminho do saber passava inevitavelmente pelas pessoas dos professores” (ibidem, p. 420). Aqui fica clara a ideia de que o ato pedagógico tem ligação direta com os afetos que são trocados entre professor e alunos no laço transferencial. A partir de sua fala⁴, o professor assume a posição do suposto saber. Essa dinâmica discursiva é fundante para a constituição dos laços transferenciais com o aluno. Quando esse lugar, por algum motivo, não está ocupado, torna-se difícil qualquer ato pedagógico.

Para Lajonquière, optar pela docência é reconhecer a dívida contraída quando no processo de aquisição da fala ou da mestria, na tentativa contínua e infundável de liquidá-la. Este dever ao mesmo tempo que é diminutamente pago a cada vez que o professor endereça sua mestria enunciativa a um aluno, continua perene na medida em que outros alunos se dispõem a escutá-lo. O desejo em manter o lugar de mestria é renovado na relação com o aluno, quando o professor deixa marcas de sua personalidade ao proferir seu discurso, causando por exemplo tensão, embaraço, respeito por parte do aluno.

Se o professor entra no laço educativo imbuído do sentimento de dívida simbólica, o aluno adentra no mesmo laço por via do amor. Como já foi dito, o aluno ama o saber que ele supõe que o professor tem posse (LAJONQUIÈRE, 2013). O amor é deslocado das figuras parentais para a figura de professor. Como também afirma Lajonquière (2010, p. 97):

Só existe amor no interior do campo da palavra e da linguagem. Todo animal é movido por um instinto tão silencioso, quanto chegado às ideias claras e distintas. Sabe-se que animais da mesma espécie se comunicam entre si. Há quem diga que também haveria comunicação entre espécies diferentes. No entanto, animais não falam, pois não habitam nenhuma linguagem que possibilite a emergência da palavra. E como não falam, não se envolvem em novelas amorosas mais ou menos familiares! Entretanto, o homem não é um animal, é antes uma criatura sussurrada por amores sempre a meia-luz.

Assim como os combatentes romanos lançavam-se nas batalhas por amor ao símbolo que representava seu povo, o aluno se lança ao processo educativo por amor ao saber que ele supõe que o professor porta.

Para ilustrar esse amor ao suposto saber do professor, faço referência ao amor de Alcibiades por Sócrates relatado em uma passagem do banquete de Platão (2011). Enquanto os filósofos estavam fazendo

⁴ Este lugar discursivo é sustentado pela fala do professor. É preciso observar, contudo, que a palavra que o professor endereça ao aluno, lhe foi ofertada pelos seus professores que, por sua vez, receberam dos professores deles... formando assim uma cadeia de significantes.



um *symposion*, Alcebiades invade o local e faz um elogio público a Sócrates e fala de seu amor por sua oratória. Nesse exemplo, vemos claramente o amor do jovem discípulo pelas palavras do mestre, que para o jovem é carregada de sabedoria e autoridade. Um ponto que não iremos explorar aqui, mas que merece atenção em um artigo próprio é a questão da palavra do professor e a questão da autoridade docente. Infelizmente o espaço destinado a um artigo não permite explorar com mais profundidade tal questão.

Ainda abordando a questão transferencial pelo lado do professor, não podemos deixar de lembrar que a palavra “ensinar” tem origem no termo latino “insignare”. Este termo carrega, por sua vez, o mesmo radical de “signum”, que podemos traduzir por “sinal”, “símbolo”, “signo”. Dito isto, entendemos que “ensinar”, “in-signare” pode ser lido etimologicamente como “imprimir um sinal, uma marca”. Gostaria de também chamar a atenção aqui para o sentido bélico do termo “signum”, usado pelos antigos romanos. Neste campo semântico, “signum” referia-se ao símbolo contido no estandarte que ia na frente da tropa e que mostrava a direção. Para os combatentes se situarem no campo de batalha, o estandarte deveria ser seguido. Com essa acepção, temos português, por exemplo, o termo “insígnia”. Assim, podemos dizer que, “ensinar” é produzir uma marca, um símbolo, a ser seguido. Esse símbolo não é outro, senão a palavra que o professor endereça ao seu aluno. Em resumo, ao ensinar, o professor produz sinais que são seguidos e criam marcas em seus discípulos. O professor é, antes de tudo, um “signum” para seus alunos.

Esse é o caso, por exemplo, de João Vitor. Sua professora é um signo a ser perseguido, mesmo em tempo de isolamento. Então ele o faz enviando-lhe um áudio por Whatsapp. Quando João Vitor declara: “sem você, professora, eu não consigo aprender bem” e, principalmente: “[...] eu queria falar pra senhora isso”, podemos perceber o laço transferencial que existe nesta relação. A partir do áudio destinado à sua “prô”, o aluno buscou garantir que ela soubesse do papel que desempenha na formação dele.

Mas o que João diz quando fala “das manias de ser prô”? Certamente ele se remete a algo que ele supõe que sua professora têm posse. Trata-se do agalma que o aluno enxerga no professor. Como explica Ornellas (2019, p. 66), agalma “[...] vem do grego *agallein*, que significa adereço, aquilo que serve para enfeitar. É um objeto precioso de poder benéfico ou maléfico, traduzido por ornamento, brilho [...]”.

Ornallas (ibdem.) observa ainda que “o agalma do professor é visto pelo seu aluno com clarão na sala de aula, num momento evanescente, marcando no objeto o enigma do real inscrito no seu saber ainda que não sabido” (ORNELLAS, 2019, p. 66).

Consideramos que o jovem João Vitor supõe que sua professora é portadora desse agalma e que ela, de modo generoso, dispõe no ato educativo. De outro modo, podemos dizer tratar-se do falo imaginário, ou seja, de algo que se supõe faltar. É este falo que João imagina precisar para que sua aprendizagem se complete.



5 CONCLUSÕES

Diante do que expomos nestas páginas, podemos dizer que, mesmo na condição de isolamento físico como esse imposto pela pandemia e no formato de ensino remoto, percebemos, com o exemplo do aluno João Vítor, que é ainda possível manter os laços transferenciais entre professor e aluno mesmo fora da sala de aula.

A palavra que circula na relação professor-aluno, como visto entre João Vítor e sua “prô” faz laço e dá sustentação ao ato de educativo. Em última instância, educar é um modo de operar na linguagem que provoca um efeito tanto no aluno como no professor. Essa palavra ofertada pelo professor em direção ao aluno fala da dívida simbólica e do amor ao saber que formam o laço transferencial. A partir de construtos oriundos do campo da educação e psicanálise, compreendemos que professor e aluno são posições discursivas que se relacionam na sintaxe educativa. Esse ato é, sobretudo, uma operação da palavra do professor e do desejo do aluno.



REFERÊNCIAS

FREUD S. O inconsciente. In: Obras completas. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 99-150.

_____. Sobre a psicologia do colegial. In: Obras Completas. Volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à Metapsicologia freudiana. Volume 1: sobre as afasias (1891); O projeto (1895). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

LAJONQUIÈRE, L. de. Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

_____. A palavra e as condições da educação escolar. Educação & Realidade (UFRGS), vol. 38, nº1, pp. 455-469. ISSN 0100-3143, 2013.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. In: Jornal de Psicanálise, São Paulo, p. 227-241, 2006.

NÓVOA, A. Entrevista com o Professor António Nóvoa. Entrevistadora: SANTOS, L. L. Revista Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 224-237, jan./jun. 2013.

_____. Os professores e a história da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). Vida de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

ORNELLAS, M. L. S. Psicanálise & educação: o que falta em um está no outro? Salvador: EDUFBA, 2019.

PLATÃO, Banquete. Tradução Carlos Alberto Nunes, organização Benedito Nunes e Victor Sales Pinheiro, Coleção Diálogos de Platão, edição bilingue, em 18 volumes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2011.

SANTOS, B. de S. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.

SOARES, J. C. da F.. Psicopedagogia & Psicanálise: puxando os fios de uma trama singular em torno do sujeito da aprendizagem. Salvador: EDUFBA, 2015.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. O eterno desafio brasileiro da valorização docente. Entrevista realizada por João Vitor Santos. Tradução: Vanise Dresch. In: Base Nacional Comum Curricular: O futuro da educação brasileira. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. IHU On-Line. Edição 516, Ano XVII. 04 dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7153-o-eterno-desafio-brasileiro-da-valorizacao-docente>
Acesso em: 23 mai. 2020.